

PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Vitória Lima Oliveira Morais ¹
Pedro Paulo Souza Rios ²

RESUMO

Nos diferentes tempos históricos pessoas foram assumindo lugares de poder e/ou subordinação determinados pela estrutura de sociedade que se tinha e pela forma como essa sociedade era organizada a partir do momento histórico em que ela se desenvolvia. Dentre estes lugares e classificações, diversos foram os argumentos para que fosse constituída a hierarquização que fundamentaria as relações sociais, e a classificação de indivíduos em grupos distintos, segregados e estereotipados. Dentre esses argumentos situa-se as diferenciações relacionadas à corporeidade e aos papéis sociais de gênero, que recebem influência significativa de preceitos biológicos que foram utilizados para sustentar uma estrutura de sociedade e orientar a forma como indivíduos iriam se relacionar, bem como coloca-los em lugar de superioridade em detrimento de outros. O que é refletido no contexto educacional, sobretudo nas aulas de Educação Física que tratam diretamente de questões relacionadas à cultura corporal. Diante disso, o trabalho analisou os papéis sociais de gênero adotados nas aulas de Educação Física escolar, como estes papéis foram forjados e a influência das concepções sobre o corpo construídas historicamente. As formas de se relacionar na Educação Física escolar exprimem o que é reproduzido na sociedade contemporânea. Estas, por estarem inseridas no contexto educacional, numa instituição social formada e constituída a partir dos moldes estruturais que organizam a sociedade, também reflete as contradições emergentes dessas relações. Os papéis sociais de gênero reproduzidos nesse contexto nada mais são do que a reprodução das relações que foram socialmente produzidas, historicamente acumuladas e culturalmente legitimadas, através de uma estrutura que hierarquiza indivíduos através da classificação de gênero. Trata-se de uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa, e traça o seu percurso conceitual analisando as categorias de corpo, gênero e papéis sociais de gênero.

Palavras-chave: Gênero e educação, Gênero e a Educação Física escolar, Papéis sociais de gênero, Papéis sociais de gênero na Educação Física.

¹ Pós-graduanda no Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia/ Especialista em Educação do Campo pela Universidade do Estado da Bahia/ Licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana/ Professora Efetiva da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Vitoria, vitoriamorais9815@gmail.com

² Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Campus Senhor do Bonfim/ Professor do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB. peudesouza@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Nos diferentes tempos históricos pessoas foram assumindo lugares de poder e/ou subordinação determinados pela estrutura de sociedade que se tinha, pela forma com que essa sociedade era organizada a partir do momento histórico em que ela se desenvolvia, a acompanhando também os processos históricos e seus interesses.

Dentre estes lugares e classificações, diversos foram os argumentos para que fossem constituídas a hierarquização que fundamentaria as relações sociais, e a classificação de indivíduos em grupos distintos, segregados e estereotipados.

Dentre esses argumentos situa-se as diferenciações relacionadas à corporeidade e aos papéis sociais de gênero, que recebem influência significativa de preceitos biológicos que foram utilizados para sustentar uma estrutura de sociedade de orientar a forma como indivíduos iram se relacionar, bem como colocando-os em lugar de superioridade em detrimento de outros.

Esse entendimento reflete em diferentes instâncias da sociedade, e, sendo a Educação Física escolar uma área de conhecimento que tem a cultura corporal como objeto de estudo, questões relacionadas à corporeidade e gênero devem ser colocadas em pauta, visto que a forma como são entendidas e tratadas nos diferentes contextos, servem como instrumento de perpetuação ou superação do modelo vigente.

Diante disso, objetivou-se através deste trabalho, analisar os papéis sociais de gênero adotados nas aulas de Educação Física, como estes papéis foram forjados e a influência das concepções sobre o corpo construídas historicamente.

Trata-se de uma revisão bibliográfica, pois se debruça em materiais já elaborados, de abordagem qualitativa, por discutir fenômenos sociais que não podem ser quantificados, e traça o seu percurso conceitual analisando as categorias de corpo, gênero e papéis sociais de gênero (GIL, 2002).



METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, pois se debruça em materiais já elaborados, de abordagem qualitativa, por discutir fenômenos sociais que não podem ser quantificados, e traça o seu percurso conceitual analisando as categorias de corpo, gênero e papéis sociais de gênero (GIL, 2002).

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CONCEPÇÃO DE CORPO

Para compreender as concepções a respeito do corpo na sociedade moderna, não se pode desconsiderar o processo histórico em que as mesmas se constituíram no contexto da sociedade capitalista, os antecedentes históricos da relação do homem com o próprio corpo e os valores a ele atribuídos (PEDROSO, 1994).

As concepções sobre o corpo se constituíram no processo de produção e reprodução da vida do homem em sociedade, sendo elas construções sociais. Portanto, deve-se compreender que o corpo não existe de forma isolada. A sua compreensão perpassa pela compressão das relações sociais, e das circunstâncias em que está inserido, considerando condicionantes sociais e culturais (PEDROSO, 1994).

Dentro das relações na sociedade capitalista, o homem precisa se utilizar da sua força de trabalho para atender ao sistema de produção. Diante disso, o corpo se configura enquanto principal ferramenta e instrumento de trabalho, atribuindo valor ao que se pode fazer com e através desse corpo (PEDROSO, 1994).

A moderna sociedade industrial, através da valorização do corpo pela utilidade de sua força fisiológica, deu origem a um corpo autônomo, uma ferramenta a serviço da produção. Nesse sentido, pode-se dizer que o trabalhador aliena-se do próprio corpo uma vez que ele se apresenta como um meio de sobrevivência; o corpo aparece como um objeto desvinculado do homem (PEDROSO, 1994, p. 28).

Essa forma de ver o corpo enquanto instrumento de trabalho e também mercadoria de consumo, já que ele é o objeto valorizado pela sua utilidade, fez com que se expandisse o culto ao corpo, onde o fenômeno de produto de consumo ganha dimensão através do interesse de cuidar do corpo para transformá-lo em um padrão estereotipado, desempenhando um papel de legitimação do corpo ideal e dos meios para alcançá-lo, tornando as pessoas cada vez mais submissas (PEDROSO, 1994).

O corpo, que se humaniza a partir da sua atividade produtiva, na sociedade capitalista é ditado por regras através de condicionantes sociais e culturais, alienando-se do homem e da sua capacidade criativa: “[...] a força de trabalho está inserida enquanto



um mecanismo da capacidade de trabalho em corpos unos, amplos e repletos de simbologias e significados, refletindo nos corpos dos trabalhadores a precarização do mundo do trabalho (BARROS; BORDALO; NASCIMENTO, 2013, p. 13224).

Na contemporaneidade existe uma preocupação especial com aspectos relacionados à imagem do corpo. O interesse em criar uma identidade corporal mais favorável a atender as expectativas sociais. O corpo ocupa um lugar de acessório, submetido a correções relacionadas à beleza e sensualidade (FREIRE; DANTAS, 2012).

A visão dualista cristã que fragmentou o homem em corpo e mente fez com que a essência do corpo fosse esquecida, colocando-o como pecaminoso e enaltecido pela sua materialidade, o que facilita a sua representação como máquina, suscetível a ser manipulado, corrigido e melhorado (FREIRE; DANTAS, 2012).

As construções sociais sobre o corpo foram potencializadas em grande escala pela mídia, que ditando valores, costumes e padrões de beleza, alimenta estereótipos do que deve predominar na sociedade (FREIRE; DANTAS, 2012).

O corpo, que não pode ser considerado apenas por aspectos biológicos, requer um novo olhar, pois se insere num lugar de criação da linguagem e da história, como uma apresentação do ser no mundo, e produtor de saberes (FREIRE; DANTAS, 2012).

Para além de todas as questões a respeito do corpo e as concepções sobre ele que foram socialmente e culturalmente construídas, também perpassa questões a respeito do gênero. Pois, a estrutura social em que essas concepções se desenvolvem, desenvolvem também, a partir de bases ideopolíticas, diferenciações e classificações de gênero, que formam os papéis sociais de indivíduos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TERMO “GÊNERO”

O gênero é um conceito sociocultural e relacional, pois se constrói através das relações sociais a partir das diferenciações biológicas, diferenciações estas que relacionam um gênero ao outro, em articulação com as demais categorias como etnia, classe, religião, etc. (ALTMANN, 1998).

As distinções biológicas orientam as diferenciações de gênero a partir do que foi socialmente construído sobre o sexo, sendo essas concepções, de fato, fundamentalmente sociais, pois o corpo é construído a partir das percepções que são impressas nele através do que é constituído historicamente e culturalmente naturalizado (ALTMANN, 1998).

Entendendo gênero fundamentalmente como uma construção social – e, portanto, histórica –, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos.



A idéia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc.; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo. (LOURO, 1996, p. 10).

De acordo com Rios (2015) o conceito de gênero se constitui a partir do e no processo histórico. Os papéis sociais são formados dentro de um contexto cultural que define, principalmente, características comportamentais de homens e mulheres que não seguem uma determinação natural, mas sociocultural.

Os fatores culturais refletidos nas concepções a respeito dos papéis sociais de gênero são construídos historicamente e socialmente. Portanto, Rios (2015) destaca que não há um determinismo social, mas sim esses fatores que estão pré-estabelecidos na sociedade e passam por transformações durante os processos históricos.

As relações são dinâmicas, portanto, as concepções também passam por construções e desconstruções socioculturais (RIOS, 2015), que se reflete em como os papéis sociais de gênero se constituem, como também na relação de poder entre eles.

Scott (1995) apresenta que o termo “gênero” na gramática está relacionado à uma forma de classificar fenômenos distintos através de agrupamentos separados. Entre as feministas americanas, o termo foi uma forma de enfatizar o caráter social da diferença entre os sexos, rejeitando o determinismo biológico. Para a autora, existem duas vertentes: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Esse termo denuncia que as ideias sobre os papéis sociais de gênero adequados para os indivíduos, e suas identidades subjetivas são formadas por construções culturais. Se constitui fundamentalmente a partir das relações sociais que se fundamenta através das diferenças biológicas percebidas entre os sexos. Essa diferenciação exprime as relações de poder marcadas pela dominação masculina, que marca a separação e hierarquização entre os gêneros, colocando a mulher em posição de subordinação com relação ao homem (SOUSA; ALTMANN, 1999).

As relações de gênero são entendidas através da construção social estabelecida a partir do que uma dada cultura entende enquanto características para indivíduos, segundo o modo em que o feminino e o masculino foram sidos agregados socialmente, justificando-os pela definição das diferenças biológicas. Essa construção reflete nas



relações de poder sob as quais os indivíduos se relacionam e reproduzem a sua existência (BERRIA, et al., 2010).

Essa construção está presente em todas as instâncias da vida e, como explicado anteriormente, na forma em que os indivíduos se relacionam. A escola, enquanto uma instituição presente na sociedade, também exprime as relações que emergem dessa sociedade, manifestando assim as construções e desconstruções relacionadas as concepções sobre o corpo e os papéis sociais de gênero.

Dentre os componentes curriculares presentes na escola, as aulas de Educação Física, por ter a cultura corporal enquanto seu objeto de estudo e ensino (SOARES, et al., 2012), se configuram enquanto um significativo espaço para a reprodução dessas construções.

OS PAPEIS SOCIAIS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Papéis sociais de gênero são entendidos aqui com base na explicação de Grossi (1998), que os define enquanto representações de personagens, comparando-os com os teatrais, mas que são atribuídos de acordo com o que é socialmente construído e que mudam de acordo com cada cultura.

Na escola, em diferentes instâncias, as concepções sobre o feminino e o masculino são constituídas, porém, na Educação Física escolar esta distinção é salientada, acentuando os estereótipos e determinando repetidamente atividades entendidas como adequadas aos sexos, reforçando a ideia de padrões e regras normatizadas de conduta, e fechando-se para a manifestação de masculinidades e feminilidades diferentes existentes em diferentes corpos (BERRIA, et al., 2010).

Os corpos são moldados por meio de estereótipos formados historicamente, e culturalmente considerados como naturais, legitimadores de uma relação de dominação entre os sexos, o que expressa uma organização de estrutura social. Isso ocorre nos diferentes espaços sociais, inclusive na escola e nas aulas de Educação Física, onde essa hierarquização é acentuada, atribuindo à mulher a características de docilidade e fragilidade, e ao homem as características relacionadas a resistência e força (SOUSA; ALTMANN, 1999).

“[...] a ciência aprendida na escola reflete os valores construídos no Ocidente desde o final da Idade Média, onde se estabeleceu um modelo ideal a partir do homem branco heterossexual. Os que estão fora desse padrão são considerados os “outros” e, portanto, inferiores” (RIOS, 2015, p. 27).



Historicamente as mulheres são inferiorizadas e postas em lugar de subordinação na sociedade, exceto quando o desempenho se direciona a atividades que são socialmente consideradas como tipicamente femininas. Esse papel de vitimização atribuído à mulher limitou a sua participação nas atividades esportivas, por exemplo, privando-as de participar de algumas modalidades e de aprimorar habilidades e condicionamento físico, tendo suas características sendo tradicionalmente consideradas como: sensibilidade, passividade e fisicamente fraca (KUNZ, 1993).

Já o masculino é ligado à força, domínio, coragem, que cria um comportamento socialmente típico, onde, ao mesmo tempo em que o corpo é cultuado, sofre repressão do mesmo sistema patriarcal, que não o possibilita experimentar outras formas de atuação (KUNZ, 1993).

Essas diferenciações baseadas nas distinções entre os sexos biológicos, legitimam as discriminações sobre as possibilidades de atuação e dos papéis sociais de gênero construídos. Na Educação Física, o adestramento dos corpos se dá devido a concepções militaristas e utilitaristas que orientaram a área de conhecimento em meio aos processos históricos, atribuindo assim à cultura corporal uma generificação, a partir de uma realidade socialmente e culturalmente construída (KUNZ, 1993).

A genereficação dos esportes, por exemplo, é uma expressão de como os papéis sociais de gênero são culturalmente construídos na sociedade (SOUSA; ALTMANN, 1999).

Com a introdução do esporte moderno como conteúdo da educação física escolar no Brasil, principalmente a partir dos anos 30, a mulher manteve-se perdedora porque era um corpo frágil diante do homem. Todavia, era por “natureza” a vencedora nas danças e nas artes. O corpo da mulher estava, pois, dotado de docilidade e sentimento, qualidades negadas ao homem pela “natureza”. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distância de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. O futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 57-58).

As práticas conjuntas entre gêneros distintos nas aulas de Educação Física escolar é um elemento significativo levando em consideração a constituição de estereótipos sexuais e papeis sociais de gênero. As diferenciações que são de ordem biológicas e também culturais são, muitas vezes, elegidas como critério de homogeneidade para manutenção da hierarquização (ALTMANN, 1998).



A genereficação de habilidades esportivas se dá a partir das identidades alimentadas pelo que é culturalmente disponível para os indivíduos, formadas a partir dos hábitos e costumes de práticas que são naturalizadas para um ou outro gênero.

Os esportes organizados são uma ‘instituição genereficada’ – uma instituição construída por relações de gênero. Enquanto tal, sua estrutura e valores (regras, organização formal, composição sexual, etc.) refletem concepções dominantes de masculinidade e feminilidade. Os esportes organizados são também uma ‘instituição genereficadora’ – uma instituição que ajuda a construir a ordem de gênero corrente. (MESSNER, 1992 apud ALTMANN, 1998, p. 63).

A Educação Física, a partir do seu objeto de estudo, pode ser entendida nessa perspectiva como disciplinadora de corpos. As práticas corporais que são reproduzidas direcionando-as como adequadas para determinados grupos naturalizam uma abordagem de controle e enquadramento social que reprime as possibilidades de desenvolvimento de feminilidades e masculinidades em diferentes sujeitos, resumindo-os a partir de características biológicas, não pluralizando as formas de existência humana (PRADO; RIBEIRO, 2010).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de se relacionar na Educação Física escolar exprimem o que é reproduzido na sociedade contemporânea. Estas, por estarem inseridas no contexto escolar, que é uma instituição social formada e constituída a partir dos moldes estruturais que organizam a sociedade, também reflete as contradições emergentes dessas relações.

Os papéis sociais de gênero reproduzidos nesse contexto nada mais são do que a reprodução das relações que foram socialmente produzidas, historicamente acumuladas e culturalmente legitimadas, através de uma estrutura que hierarquiza indivíduos através da classificação de gênero.

Assume-se aqui, a partir do apanhado superficial das questões relacionadas à concepção de corpo e papéis de gênero, os limites deste trabalho quando debatido apenas questões de feminilidades e masculinidades existentes, não apresentando o aprofundamento de outras questões diretamente relacionadas ao gênero e também à sexualidade, para além de questões sobre raça e classe, e como estas se reproduzem meio ao contexto da Educação Física escolar.

Contudo, identifica-se que este se torna um ponto de partida para que seja apresentada as causalidades que orientam os papéis sociais de gênero que são formados e assumidos nas diferentes instâncias, sobretudo na escola e na Educação Física. Papéis estes que são justificados através de argumentos com bases em características biológicas, mas que são, fundamentalmente, construídos social e culturalmente na sociedade.



REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Educação da UFMG. Minas Gerais, 1998.
- BARROS, Cláudia Maria Rodrigues; BORDALO, Karina Barbosa; NASCIMENTO, Shirley Silva dos. **CORPO, TRABALHO E EDUCAÇÃO EM MARX**. XI Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2013.
- BERRIA, Juliane; BEVILACQUA, Lidianne Amanda; CASTRO, Tatiele Marques Rodrigues de; DARONCO, Luciane Sanchonete Etchepare. **O gênero nas aulas de Educação Física: questões e conflitos**. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 15 - Nº 143 - Abril de 2010
- FREIRE, I. M.; DANTAS, M. H. de A.. EDUCAÇÃO E CORPOREIDADE: Um novo olhar sobre o corpo. **HOLOS**, Ano 28, Vol 4, 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**.- 4. Ed. – São Paulo : Atlas, 2002.
- GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em 1º mão**, Florianópolis, UFSC/PPGAS, 1998.
- KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. **QUANDO A DIFERENÇA E MITO: UMA ANÁLISE DA SOCIALIZAÇÃO ESPECÍFICA PARA OS SEXOS SOB O PONTO DE VISTA DO ESPORTE E DA EDUCAÇÃO FÍSICA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.
- LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, Marta (org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, pp. 7-18.
- PEDROSO, Jurema Maria. **AS CONCEPÇÕES DE CORPOREIDADE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1994.
- PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.2 p.402-413, abr./jun. 2010.
- RIOS, Pedro Paulo Souza. **Relações de gênero no contexto semiárido: vivências no assentamento Nova Canaã (Pindobaçu/BA)**. Juazeiro, 2015.
- SCOTT, Joan. GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL DE ANÁLISE HISTÓRICA. **Educação & Realidade**. 20(2):71-99 jul./dez, 1995.
- SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo:Cortez, 2012.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

